

HETEROGENEIDADE E(M) DISCURSO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O OUTRO E O DIFERENTE

Heitor Pereira de Lima¹

Resumo: O conceito de heterogeneidade promove um deslocamento ao considerar a enunciação e não apenas a gramática. Isto é, discute a noção de enunciação e seus efeitos ilusórios; mas quando esse mesmo conceito é deslocado para o terreno da Análise do Discurso pecheuxtiana, podemos mobilizar outras reflexões. Diante disso, este trabalho busca compreender a noção de diferença e a noção de heterogeneidade. Para isso, selecionamos um excerto de tese, no qual pretendemos analisar as formas explícitas da heterogeneidade, partindo do pressuposto que: i) o locutor não se apresenta como simples “porta-voz” no discurso direto; e, ii) há a possibilidade de estruturar uma heterogeneidade constitutiva marcada.

Palavras-chave: Dialogismo. Heterogeneidade. O outro. Diferente. Análise do Discurso.

HETEROGENEITY AND(IN) DISCOURSE: SOME REFLECTIONS ON THE OTHER AND THE DIFFERENT

Abstract: The concept of heterogeneity promotes a shift in considering enunciation and not just grammar. That is, it discusses the notion of enunciation and its illusory effects; but when this same concept is moved to the terrain of Pecheuxtian Discourse Analysis, we can mobilize other reflections. Therefore, this work seeks to understand the notion of difference and the notion of heterogeneity. For this, we selected a thesis excerpt, in which we intend to analyze the explicit forms of heterogeneity, assuming that: i) the speaker does not present himself as a simple “spokesperson” in direct speech; and, ii) there is the possibility of structuring a marked constitutive heterogeneity.

Keywords: Dialogism. Heterogeneity. The other. Different. Discourse Analysis.

¹ Mestrando PUC-Minas. E-mail: oiheitorlima@gmail.com

ALGUMAS PALAVRAS INICIAIS

O presente trabalho surge a partir de reflexões sobre a heterogeneidade da linguagem. Nessa empreitada, diversos teóricos foram convocados com o propósito de iluminar os debates. Para este estudo, convocaremos, principalmente, três estudiosos que, no nosso entendimento, são essenciais às reflexões sobre a heterogeneidade da linguagem: Mikhail Bakhtin, Jacqueline Authier-Revuz e Eni Orlandi.

Em relação ao primeiro teórico, vale destacar que a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, ao propor uma mudança nos estudos da linguagem, tornou-se um marco na medida em que considerou o signo de natureza ideológica e a alteridade como elementos constitutivos do discurso. Bakhtin, ao dialogar com o materialismo histórico, desenvolveu uma reflexão sobre o discurso de outrem, iluminando, assim, a questão do histórico, do social e do sujeito nos estudos da linguagem. Nesta rápida convocação do autor, interessa-nos, especificamente, a tese do dialogismo, na qual Bakhtin afirma que

na relação criadora com a língua, não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.) quase imperceptíveis, e vozes próximas, que somam concomitantemente. (BAKHTIN, 2011, p. 230).

Embora ainda persistam leituras que tomam o dialogismo enquanto sinônimo de conversa, bate-papo, troca de mensagens, etc., antes de passarmos para a noção de heterogeneidade de Authier-Revuz, observemos o que ela diz sobre o dialogismo.

O “dialogismo” do círculo de Bakhtin, como se sabe, não tem como preocupação central o diálogo face a face, mas constitui, através de uma reflexão multiforme, semiótica e literária, uma teoria da dialogização interna do discurso. As palavras são, sempre e inevitavelmente, “as palavras dos outros”: esta intuição atravessa as análises do plurilinguismo e dos jogos de fronteiras constitutivas dos “falares sociais”, das formas linguísticas e discursivas do

hibridismo, da bivocalidade, que permitem a representação no discurso do discurso do outro, gêneros literários manifestando uma “consciência galileana da linguagem”, um rir carnavalesco, um romance polifônico. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26).

Em relação à noção de heterogeneidade, cada vez mais tem sido iluminada pelas discussões que buscam compreender o funcionamento da linguagem. Nesse sentido, deve-se à Jacqueline Authier-Revuz o reconhecimento pelo seu trabalho no qual considerou-se que: i) “constitutivamente, no sujeito, em seu discurso, há o Outro” – heterogeneidade constitutiva; e ii) “no fio do discurso que, real e materialmente, um locutor único produz, um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem em sua linearidade, o outro” – heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.12). Ou seja: a heterogeneidade constitutiva é da ordem do interdiscurso, do Outro; enquanto a heterogeneidade mostrada é da ordem do intradiscurso, do outro. Para este estudo, é esta que nos interessa mais de perto.

O conceito de heterogeneidade enunciativa, problematizado por Authier-Revuz (2004) e alicerçado nos estudos bakhtinianos, promove um deslocamento ao considerar a enunciação e não apenas a gramática. Isto é, discute a noção de enunciação e seus efeitos ilusórios (daí sua grande contribuição teórica). Com isso, a pesquisadora francesa sugere um entendimento de sujeito múltiplo, heterogêneo; diferentemente da noção de sujeito uno, dono do seu dizer e, portanto, proprietário de suas palavras.

Por fim, a terceira estudiosa, Eni Orlandi, grande responsável por uma AD à brasileira, da qual, para esta pesquisa, selecionamos o texto “Não o outro, mas o diferente”, que se encontra na obra *Terra à vista – Discurso do confronto: Velho e novo mundo* (2008). Nele, a autora lança luz para uma questão polêmica na qual pretendemos nos debruçar:

a reflexão sobre o “outro” (heterogeneidade mostrada). Segundo a autora, que reconhece as relevantes contribuições teóricas de Authier-Revuz, essa classificação da heterogeneidade discutida pela pesquisadora francesa refere-se à composição, ou seja, uma espécie de formulação ($a + b$), sendo esses distintos e passíveis de uma recuperação, uma mistura, de certa maneira, homogeneizada. Por outro lado, ainda segundo Orlandi (2008), temos a heterogeneidade discursiva, àquela da AD, preocupada com os efeitos de sentido da combinação (ab), sem a preocupação com a origem. Em outras palavras, a noção desenvolvida por Authier-Revuz trabalha muito com a formulação e pouco com a constituição do sentido. Por isso, na/para AD, prefere-se a noção de diferença à de heterogeneidade.

Diante desta discussão, este trabalho, atento às divergências teóricas das autoras mencionadas, pretende realizar uma reflexão, por meio de aproximações/comparações, sobre a heterogeneidade (mostrada) e a diferença. Dito de outro modo, sem perder de vista a relevância dos estudos desenvolvidos por Authier-Revuz e valendo-se da discussão de Orlandi (2008), por meio das categorias analíticas – formação discursiva, interdiscurso e sujeito – da AD, busca-se compreender metodologicamente a noção de diferença e a noção de heterogeneidade, iluminando, assim, este debate.

Para esta pesquisa, selecionamos um excerto de uma tese, no qual pretendemos analisar as formas explícitas da heterogeneidade por meio do discurso direto relatado. Assumimos como hipóteses: i) o locutor não se apresenta como simples “porta-voz” no discurso direto; e, ii) a possibilidade de estruturar uma heterogeneidade constitutiva marcada.

HETEROGENEIDADE DIFERENÇA

Abordaremos, a seguir, o conceito de heterogeneidade discutido por Authier-Revuz e a noção de diferença problematizada por Eni Orlandi.

Heterogeneidade: O Outro e o outro

Ancorados nos estudos de Authier-Revuz, buscaremos elucidar como ocorre a heterogeneidade enunciativa, considerando que essa estudiosa fundamentou seus estudos no dialogismo do Círculo de Bakhtin, na análise do discurso francesa e na psicanálise lacaniana. Para ela, é necessário considerar o discurso na compreensão do sentido e a importância do sujeito e da situação. Orlandi (1998) aponta que o modo como Authier entende o sujeito e a enunciação “passa-se da mera utilização ornamental de referências à psicanálise e à análise de discurso para uma articulação premeditada delas tendo como base a linguística no estudo da enunciação” (ORLANDI, 1998, p. 6-7).

Partiremos para um percurso convocando, principalmente, o dialogismo e a polifonia de Bakhtin – cujas concepções estão ancoradas no princípio de que toda palavra é dialógica por natureza porque propõe o Outro – e alguns postulados da psicanálise e da análise do discurso para, enfim, chegarmos à teoria de Authier-Revuz acerca da heterogeneidade enunciativa.

Bakhtin, através de suas pesquisas, rompeu com a barreira linguística ao propor um sujeito situado historicamente como agente das relações sociais e que se vale do conhecimento de enunciados anteriores para formular seu discurso. Além disso, compreende que um enunciado sempre é produzido considerando o contexto social, histórico, cultural e ideológico.

Na concepção bakhtiniana, “o diálogo, no sentido restrito do termo”, constitui uma das formas mais importantes da interação verbal. Contudo, no sentido amplo, não apenas será

considerado como a comunicação face a face, “mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (BAKHTIN, 2002, p.127). É por meio da palavra que o “eu” se define em relação ao “outro” e à coletividade, pois a palavra marca a expressão do um em relação ao outro, é como se fosse uma ponte que os liga. E, conforme Authier-Revuz (1990), “as palavras são sempre e, inevitavelmente, as palavras dos outros” uma vez que “sempre sob as palavras, outras palavras são ditas” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.26-28).

O dialogismo deve ser percebido, então, como um conjunto no qual ressoam várias vozes que permeiam os discursos e se relacionam entre si, que “constitui, através de uma reflexão multiforme, semiótica e literária, uma teoria de dialogização interna do discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26), em que os enunciados se manifestam de uma forma dialógica, fazendo diferentes vozes ecoarem, simultaneamente, nos discursos.

Assim, o caráter dialógico da comunicação se encontra na linguagem e o fenômeno social da interação verbal se desencadeia através de enunciações que se exprimem por meio de situações reais pois, segundo Bakhtin (2002), só podemos compreender a comunicação verbal dentro do vínculo com a situação concreta, uma vez que “a comunicação verbal se entrelaça inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção” (BAKHTIN, 2002, p. 128).

Já a polifonia consiste no entrecruzamento de diversas vozes, em outras palavras, é uma multiplicidade de vozes e pensamentos que influenciam na interação entre os sujeitos. Essas vozes presentes no discurso não se anulam, mas se complementam.

Partindo do dialogismo e da polifonia bakhtinianos, dos postulados de Lacan — que definem o inconsciente e o sujeito clivado — e na concepção de interdiscurso proposta pela Análise

do Discurso de linha francesa, Authier-Revuz (2004) elabora o conceito da heterogeneidade enunciativa do sujeito no discurso, classificando-a como: heterogeneidade mostrada — que se subdivide em marcada ou não marcada — e heterogeneidade constitutiva, através das quais se busca compreender como o discurso do outro/Outro ocorre e de que forma ele determina outros discursos. Vale salientar que, na concepção lacaniana, o “Outro” é condição primeira e necessária para que haja interação entre o “eu e o “outro”, ele se interpõe na fala, pode ser entendido como a própria linguagem, a cultura, a história de uma sociedade.

Discorreremos, brevemente, sobre a heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada, ressaltando que é a última que nos interessa neste trabalho.

O ponto de vista da psicanálise mostra que “sob nossas palavras ecoam outras palavras”, ou seja, atrás da emissão de uma única voz é preciso entender uma polifonia. Nesse sentido, Authier-Revuz (2004) postula que o discurso é constitutivamente atravessado pelo “discurso do Outro”, baseando também seus estudos, conforme mencionado, na psicanálise lacaniana.

Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos “outros discursos” e pelo “discurso do Outro”. O outro não é um objeto (exterior, do qual se fala), mas uma condição (constitutiva, para que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69).

Diante disso, entendemos a heterogeneidade constitutiva como a que não aparece marcada linguisticamente no fio do discurso, o Outro não está explícito. De acordo com a concepção de Authier-Revuz (2004), as palavras não são exclusividade de um enunciador, embora haja essa ilusão. Nas palavras ditas ecoam as palavras do Outro, que já foram ditas e, por isso, estão impregnadas de valores ideológicos, tendo o seu sentido alterado em

função do momento, do uso e do lugar discursivo do enunciador. E segue explicando que

O Outro é o lugar estranho, de onde emana todo discurso: lugar da família, da lei, do pai, na teoria freudiana, elo da história e das posições sociais, lugar a que é remetida toda subjetividade; dizer que o inconsciente é o discurso do Outro é reafirmar, de maneira determinista, que um discurso livre não existe e é dar-lhe a lei (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 64).

Para que se possa entender o Outro, Authier-Revuz aponta um sujeito – cuja concepção se baseia na psicanálise de Lacan (2005) – que não é fonte do seu dizer, “um sujeito produzido pela linguagem e estruturalmente clivado pelo inconsciente – quer dizer, onde o sujeito, efeito de linguagem, advém dividido, na forma de uma ‘não-coincidência’ consigo mesmo” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 186). Assim, a concepção de sujeito do inconsciente, do Outro como parte de todo e qualquer discurso, permite conceber o discurso como um campo heterogêneo, no qual várias vozes se entrelaçam.

Assim, ao entender esse discurso inconsciente, conclui-se que todo discurso é polifônico. Na concepção de Authier-Revuz (2004), todo discurso se mostra constitutivamente atravessado por “outros discursos”, pelo “discurso do Outro”. Dessa forma, tem-se o outro/Outro para circunscrevê-lo e afirmar o um como o faz na sua procura pela heterogeneidade mostrada, sobre a qual discorreremos agora.

De acordo com Authier-Revuz, os discursos se atravessam a todo momento, possibilitando que o sujeito possa interagir com seus interlocutores por meio do que a autora define como sendo a heterogeneidade mostrada da palavra.

Authier-Revuz (2004), considera a heterogeneidade mostrada como “formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.32). Essas formas

são os modos de trazer o outro para o discurso e se referem às noções enunciativas. Para a autora, existem dois tipos de enunciados: os que mostram, explicitamente, a heterogeneidade – heterogeneidade mostrada marcada – como por exemplo as glosas enunciativas, o discurso relatado direto e indireto, as aspas; e aqueles cujas marcas não aparecem – heterogeneidade mostrada não marcada – como por exemplo, a ironia e o discurso indireto livre.

As formas não-marcadas são consideradas mais complexas, pois não estão explícitas, exigindo a reconstituição da heterogeneidade a partir do discurso indireto livre, da ironia, da antífrase, da alusão, do pastiche, da imitação, das metáforas, dos jogos de palavras e da reminiscência. Ou seja, “contam com o ‘outro dizer’, sem explicitá-lo, para produzir sentidos” (KADER, 2012, p. 2).

Conforme Authier-Revuz (2004), “no fio do discurso, um locutor único produz, um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso. Inscrevem, em sua linearidade, o outro”. É o outro do discurso relatado, que, sintaticamente, no discurso direto ou no indireto vai ser designado como um “outro ato de enunciação”. Esse outro também pode vir através de uma conotação autonímica – discurso marcado por aspas, por itálico, por uma entonação ou por alguma forma de comentário – que recebe, em relação ao restante do discurso, “um estatuto outro”. Para a estudiosa, é na conotação autonímica que aparece uma das formas mais complexas da heterogeneidade, sendo nesta que “o locutor faz uso de palavras inscritas no fio de seu discurso, sem a ruptura própria à autonímica e, ao mesmo tempo, ele as mostra” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12-13).

Essas maneiras de produzir linguagem são as formas explícitas da heterogeneidade, ou seja, o que a autora chamou de “heterogeneidade mostrada marcada”. Contudo, é importante refletir que, se

o outro é inscrito no enunciado, designado como objeto de estudo, pela heterogeneidade mostrada, quando inserimos em nosso discurso – porque temos a ilusão de que o discurso é nosso – o discurso desse outro, queremos atribuí-lo a quem de fato o concebeu. E marcamos esse discurso sinalizando qual a sua origem. É como se demarcássemos: Esse discurso é do outro e aquele é de minha procedência. Assim, esquecemos que não são nossas palavras, nada ali é nosso – nem as palavras, nem os sentidos – tudo é compartilhado. Entendemos, assim, que a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva são indissociáveis, estão atreladas uma à outra.

O diferente

Nos estudos da linguagem, a discussão sobre o “outro” ganhou notoriedade quando a presença do “outro” – reflexão advinda da teoria da enunciação e que se aproxima dos estudos sobre a ideologia e a psicanálise – foi entendida enquanto constitutiva da fala de qualquer sujeito. Ou seja, a dialogia, por diversas vezes lida, principalmente, enquanto sinônimo de conversa, preencheu o vazio da linguagem. Dessa forma, não há mais solidão possível, não há descontrole da linguagem: a relação com o “outro” regula tudo, preenche tudo, explica tudo, tanto o sujeito quanto o sentido (ORLANDI, 2008, p. 45).

Ainda, segundo Orlandi (2008), o conceito de heterogeneidade, discutido por Jacqueline Authier-Revuz, trouxe uma maior especificidade aos conceitos de dialogia e à noção de enunciação. A pesquisadora brasileira dos/nos estudos em Análise do Discurso (doravante, AD), reconhece o conceito de heterogeneidade desenvolvido pela estudiosa francesa, que se subdivide em heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada (discussão feita na seção anterior). Nas palavras de Orlandi (2008),

A heterogeneidade constitutiva (J. Authier, 1990) diz que “constitutivamente, no sujeito, em seu discurso, há o Outro”. É a ideia de que o sujeito da linguagem é determinado pela sua relação com a exterioridade: é um sujeito descentrado, dividido, essa divisão tendo um caráter estrutural ou estruturante (ORLANDI, 2008, p. 45-46).

Por outro lado, “A heterogeneidade mostrada é coisa já diferente: as suas formas são aquelas pelas quais se altera a unicidade aparente do fio do discurso, pois elas aí inscrevem o ‘outro’” (ORLANDI, 2008, p. 45-46).

Embora essa divisão da heterogeneidade pareça coisa distinta, ela não o é. Authier-Revuz (2004) diz que as maneiras de representação da heterogeneidade evidenciam

uma negociação com as forças centrífugas, de desagregação, da heterogeneidade constitutiva: elas constroem, no desconhecimento desta, uma representação da enunciação que, por ser ilusória, é uma proteção necessária para que um discurso seja mantido (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 26).

Ou seja: por elas, o sujeito se apresenta como tendo domínio do que é seu e do que do “outro”, no “seu” dizer (ORLANDI, 2008, p.46). Portanto, ainda que visível a olho nu, a heterogeneidade marcada não é também constitutiva? Voltaremos a esta questão.

Em poucas palavras, “face ao ‘isso-fala’ da heterogeneidade constitutiva responde através dos ‘como-diz-outro’ e o ‘se-me-é-permitido-dizer’ da heterogeneidade mostrada” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 32).

Temos aí uma formulação da heterogeneidade pela qual o visível (mostrado) é colocado em pauta. Na/para AD, o visível corresponde ao “dizível”. Diante dessa afirmação, podemos questionar: O que pode e deve ser dito? Quem pode dizer, diz o que quer? Ao dizer, digo com minhas palavras?

Essas perguntas nos fazem caminhar em direção à perspectiva discursiva, objetivando iluminar a discussão sobre o dizível, e nos imputa

a necessidade de (re)visitar três categorias analíticas que, no nosso entendimento, são preponderantes para entendermos o que contempla esse dizível na/para AD: *formação discursiva*, *interdiscurso* e *sujeito*. Vale destacar que esses conceitos foram (e são) amplamente discutidos por vários analistas do discurso — estrangeiros e brasileiros. Diante das inúmeras possibilidades de abordagens teóricas, selecionamos três grandes pesquisadoras para, com as *palavras delas*, clarearmos esta discussão: i) Freda Indursky (formação discursiva), ii) Eni Orlandi (interdiscurso) e iii) Maria Cristina Leandro Ferreira (sujeito).

Em relação à primeira categoria, formação discursiva² (FD), Indursky nos diz que “a formação discursiva pode ser entendida como o que pode e deve ser dito pelo sujeito, ou seja, ela tem seus saberes regulados pela forma-sujeito e apresenta-se dotada de bastante unicidade” (INDURSKY, 2020, p. 306-307). E ainda,

é lícito afirmar que, no quadro teórico da Análise do Discurso, tal como formulado por Pêcheux, [...] ao contrário do que ocorre na Arqueologia de Foucault, não só é lícito falar em ideologia, como é ela, juntamente com o sujeito, que é tomada como princípio organizador da formação discursiva. Redizendo e já me posicionando: é o indivíduo que, interpelado pela ideologia, se constitui como sujeito, identificando-se com os dizeres da formação discursiva que representa, na linguagem, um recorte da formação ideológica (INDURSKY, 2020, p. 306).

A autora, alicerçada nos postulados pecheuxianos, esclarece a noção de FD enquanto porosa, de uma homogeneidade ilusória, uma vez que o sujeito se relaciona com a FD e a partir daí observa-se o funcionamento do sujeito do discurso. Isso faz o sujeito, interpelado pela ideologia, identificar-se com a *forma-sujeito* (dotada de unicidade) por uma *tomada de posição* que o faz comportar-se como o *bom sujeito* (1ª modalidade:

2 Para este trabalho, não pautamos nossa discussão sobre FDs nos estudos foucaultianos (cf. Lima, H. P. de, & Silva, K. R. de S. e. (2020). Embora reconhecamos a relevância de Michel Foucault para os estudos discursivos.

superposição), mas também, por uma tomada de posição outra, pode revelar-se um *mau sujeito* (2ª modalidade: contra-identificação), ou, ainda, desidentificar-se plenamente com a FD vigente e portar-se como um *péssimo sujeito*³ (3ª modalidade: desidentificação).

O parágrafo anterior cuidou de tratar sobre FD, entretanto, a convocação do conceito de sujeito foi inevitável porque essas categorias analíticas são intercambiáveis.

Já em relação ao interdiscurso, este é definido como o lugar de constituição de sentidos, a verticalidade (domínio da memória) do dizer, que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito (ORLANDI, 2008, p. 49). As FDs relacionam-se pelo interdiscurso, todo um complexo de FDs com dominante. E, ainda segundo Orlandi (*idem*), a exterioridade que consideramos como constitutiva só se define em função do interdiscurso, ou melhor, a exterioridade tem o seu modo de existência definido pelo interdiscurso.

Por fim, para a terceira categoria, sujeito, usaremos as palavras da pesquisadora Maria Cristina Leandro Ferreira pelas quais observou-se o lugar do sujeito na trama do discurso, representado pelo “nó borromeano” que

[...] simbolizaria o lugar do sujeito no entremeio das três noções de *linguagem - ideologia - inconsciente*. O sujeito estaria assim sendo afetado, simultaneamente, por essas três ordens e deixando em cada uma delas um furo, como é próprio da estrutura de um ser-em-falta: o furo da linguagem, representado pelo equívoco; o furo da ideologia, expresso pela contradição, e o furo do inconsciente, trabalhado na psicanálise (LEANDRO-FERREIRA, 2010, p. 67).

As categorias analíticas FD, interdiscurso e sujeito nos ajudam a compreender o todo complexo da produção de discursos com outros, por meio exclusões, inclusões, pressuposições, etc.

A exterioridade, enquanto elemento constitutivo,

3 Termo oriundo da nossa reflexão a partir do texto “A Fragmentação do Sujeito em Análise do Discurso” (Indursky, 2000).

se define em função do interdiscurso e este, nas palavras de Orlandi (2008), “solda” a relação entre as formações discursivas. No movimento de deriva e estagnação de sentidos, a diferença, o furo, a contradição, o vazio é tão importante quanto a ilusão do igual, da completude, da certeza, do preenchimento. No que se refere à discussão sobre heterogeneidade e diferença, Orlandi esclarece que

a noção de heterogeneidade não considera a *natureza* da relação entre diferentes. Acreditamos que isso se dá pelo compromisso desta com a enunciação. Ao se fazer entrar a noção de enunciação, pelo mesmo movimento, se expulsa a de contradição e se reduz a importância do histórico e, de certo modo, reproduz-se a divisão: de um lado, as sistematicidades, de outro, a obscuridade e a desordem (ORLANDI, 2008, p. 47).

No discurso direto, são “as palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço [...]; o locutor se apresenta como simples “porta-voz” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12). Em relação à primeira afirmação de Authier, Orlandi esclarece o que se passa quando pensamos o sentido quanto ao espaço e quanto ao tempo.

O espaço em que se espraiam os sentidos é o da multiplicidade, da largueza, mas também da truncação: um sentido se desdobra em outro, em outros: ou se emaranha no seu mesmo e dele não se solta. Fica à deriva. Se perde em seu mesmo ou se multiplica. O tempo é o da fugacidade. O sentido não se deixa pegar. Instável, errático. O sentido não dura. O que dura é seu “arcabouço”, a instituição que o fixa e o eterniza. Ele, no entanto, se move em outros lugares (ORLANDI, 2008, p. 51).

Em relação à segunda afirmação, incomodamos pensar no locutor, sujeito no/do discurso, enquanto simples “porta-voz”. Nessa perspectiva, questionamos: ao direcionar nosso olhar para o discurso direto; ao colocar em suspenso os componentes: locutor (*a*) e a voz que ele porta (*b*), ou seja, a mistura (*a+b*); e centrar nossa atenção para os efeitos de sentidos da combinação (*ab*), teríamos um trabalho mais produtivo? Trazer explicitamente

o outro em meu dizer resultaria numa ação discursiva para além do simples trabalho do porta-voz? Em outras palavras, levando em consideração o conceito de diferença da AD, conseguiríamos perceber no discurso direto um movimento discursivo no qual a falta e a incompletude são, também, constitutivas do discurso?

Na tentativa de contemplar as questões abordadas, nosso exercício será este: i) olhar para o discurso direto, por meio do excerto selecionado, para além das vozes que lá se apresentam: a do locutor e a que ele porta; e, ii) analisar a combinação de vozes, os efeitos de sentidos desta.

Algumas reflexões sobre o outro e o diferente

A fim de clarearmos as considerações feitas em relação ao “outro” e ao “diferente”, analisaremos o excerto abaixo, apoiando-nos, com o propósito de refletir sobre os efeitos de sentido do discurso relatado direto, nos estudos de Jacqueline Authier-Revuz sobre o “outro” e de Eni Orlandi sobre o “diferente”

Da fundamentação teórica da linguista francesa, Jacqueline Authier-Revuz, focaremos na heterogeneidade mostrada, que é aquela “acessível aos aparelhos linguísticos, na medida em que permite apreender sequências delimitadas que mostram claramente sua alteridade” (MAINGUENEAU, 2008, p.31). Evidenciaremos as formas marcadas a partir de marcas linguísticas que sinalizam a presença de outra voz.

Em relação à analista brasileira, Eni Orlandi, observaremos, por meio das categorias analíticas da AD, os efeitos de sentido (com os possíveis furos, silêncios, derivas, truncamentos) existentes na articulação de vozes presentes no discurso relatado direto.

Excerto

Segundo Marcuschi, o movimento de reescrita não é uma questão de correção, mas de adequação (2015, p. 209), revela a presença do outro, pois é em função dele, nosso interlocutor, que avaliamos o que escrevemos. No período escolar, no entanto, quando se está aprendendo a lidar com o código, a língua, há o predomínio do “ensino prescritivo, que objetiva levar o aluno a substituir seus próprios padrões linguageiros considerados errados/inaceitáveis pelos considerados corretos/aceitáveis” (TRAVAGLIA, 2002, p. 38), dentro de uma concepção de linguagem que concebe a língua como expressão do pensamento.

Essa postura de mera análise de fatos de linguagem tem marcado, de forma acentuada, as práticas pedagógicas com as atividades de linguagem na escola. Hugo Mari, referindo-se a essa preocupação com fatos sistêmicos, comenta:

Numa redação, em geral, corrigem-se as concordâncias, as regências, as colocações, os erros de ortografia, com a pretensão suposta de que essa prática possa conduzir a uma clareza sobre a significação³. Nada disso deve ser considerado como um desserviço às práticas de linguagem na escola; o reparo a ser feito, no meu entendimento, é fazer desse ritual a única forma de ver a produção de linguagem do aluno. É possível que os processos de letramento estejam apontando numa outra direção. [...] a ausência de uma preocupação com a questão da significação [...] consagrou procedimentos que deixaram à margem aquilo que é essencial a qualquer prática de linguagem, isto é, o sentido a ser produzido (Afirmção contida em texto de Hugo Mari, ainda não publicado, usado em sala de aula).

Fonte: OLIVEIRA, 2020.

A presença do outro é explicitada quando o locutor abre um espaço e traz as palavras do outro⁴ para o seu discurso, assumindo o papel de “porta-voz”. E são “as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou espaço – claramente recortado da citação na frase” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.12). Assim, ao trazer, por exemplo, o discurso de Hugo Mari, o locutor não opta por trazer o conceito de “leitura discursiva” segundo o seu próprio entendimento. Ele se assume como “porta-voz”, trazendo o discurso do outro para dentro do seu discurso, a fim de reforçar/enfatizar o seu dizer. Ao entrar com o discurso do outro, o locutor tem a ilusão de que está reforçando o seu dizer, acreditando que os demais dizeres são seus, esquecendo, assim, que não é apenas o discurso marcado que não é dele.

Também podemos apontar no excerto uma outra forma de trazer o discurso direto: a utilização das aspas. Ao optar pelas aspas como um recurso para demarcar uma citação direta, o locutor traz o outro para a cena enunciativa e, assim, abre espaço, de forma explícita, para o discurso deste. É o que Authier-Revuz (2004) chama de heterogeneidade marcada autonímica, um modo particular do “outro” ser inserido no discurso, ou seja, “o locutor faz uso de palavras inscritas no fio de seu discurso [...] e, ao mesmo tempo, ele as mostra (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.13).

Quando partimos para uma análise discursiva, podemos compreender que o papel do “locutor”— sujeito-autor — vai além de um simples “porta-voz” do outro. O movimento de convocar explicitamente o outro aponta para: i) FDs distintas (FD¹ / FD²) que se relacionam entre seus limites e atestam a relação do discurso com

⁴ Ver o discurso direto marcado, no excerto, nos discursos de Travaglia (2002) e de Hugo Mari (s/d), nas citações diretas.

a exterioridade. Esse trabalho é marcado pelo interdiscurso e seu modo de funcionamento (o pré-construído); ii) O espaço no qual o outro é trazido, nesse caso, é o da largueza. Convocar as palavras do outro atende a um desejo do sujeito-autor: o da completude. Aquela ilusão tão necessária de cercar o sentido e não deixá-lo escapar para que, só assim, o texto se torne “claro” e “objetivo”. Tudo ilusão se considerarmos a falta enquanto constitutiva porque há solidão, silêncio, descontrolo na linguagem: a relação com o “outro” não regula tudo, não preenche tudo, não explica tudo, tanto o sujeito quanto o sentido. Logo, não são apenas as palavras do outro que ocupam espaço. É preciso considerar o efeito de sentido produzido pelos diferentes; iii) o sujeito do discurso (FD¹) é um bom sujeito, uma vez que esse reduplica os sentidos da FD na qual se inscreve.

Além disso, o sujeito do discurso, ao se posicionar de modo contrário à concepção de linguagem na qual a (re)escrita é concebida, no período escolar, pelo viés normativo da prescrição, e que, portanto, acentua as mais variadas formas de preconceito linguístico, denuncia uma postura de mera análise de fatos de linguagem que tem marcado intensamente as práticas pedagógicas. Para esse trabalho discursivo, o sujeito-autor não necessita apenas de um porta-voz. Ele precisa de mais: um discurso outro no qual o sentido seja multiplicado, esgarçado, estendido (aqui consideramos que as palavras do outro ocupam o espaço). Para isso, ele convoca, por meio do discurso direto, o outro, que também corrobora a visão sobre a qual os processos de letramentos contemplem qualquer prática de linguagem.

Podemos pensar que o efeito de sentido do gesto discursivo de trazer o outro é instável, não dura porque não se deixa pegar. Entretanto, o seu arcabouço, é fixado e eternizado pela instituição (aqui consideramos que as palavras do outro

ocupam o tempo, este é o da fugacidade). Em outras palavras: os sentidos sobre as práticas de linguagem são movidos na/pela instituição escola.

Assim, “no discurso direto, são as palavras do outro que ocupam o tempo – e o espaço – claramente recortado da citação na frase [...]” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12). (grifo nosso).

ALGUMAS PALAVRAS FINAIS: UMA ILUSÃO NECESSÁRIA

Ao trazermos as divergências teóricas de Authier-Revuz e Eni Orlandi, no que se refere, particularmente, à heterogeneidade mostrada, nosso propósito, como assinalado no início, foi realizar alguns apontamentos de aproximações/comparações defendidos por essas duas importantes estudiosas e propor uma reflexão para entender se o que ambas defendem consegue, de fato, contemplar a heterogeneidade numa análise discursiva.

Após uma abordagem teórica, seguida de uma análise bem sucinta, das formas explícitas da heterogeneidade, procuramos evidenciar a posição de cada uma das autoras para, enfim, elucidar nossos apontamentos: i) o locutor não se apresenta como simples “porta-voz” no discurso direto; e ii) a possibilidade de estruturar uma heterogeneidade constitutiva marcada.

Retomamos Authier-Revuz (2004), segundo a qual “No discurso direto, [...] o locutor se apresenta como simples ‘porta-voz’” e lembramos que seus apontamentos são a partir de estudos da heterogeneidade enunciativa (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12). Assim, no que se refere à heterogeneidade discursiva, o papel do locutor vai além de figurar como “porta-voz” do outro no seu discurso. Ao trazer essa voz outra, procuramos mostrar, na análise do excerto acima, que tal conceito não é suficiente quando se trata da heterogeneidade discursiva.

Também apontamos a possibilidade de estruturar a heterogeneidade marcada como “heterogeneidade marcada constitutiva”, uma vez que, para trazer o “outro”, evoca-se, inconscientemente, a presença do “Outro”, que está, constitutivamente, no discurso. E, nas palavras de Authier (2004), todo discurso se mostra constitutivamente atravessado por “outros discursos”, pelo “discurso do Outro”.

A proposta aqui apresentada soa, num primeiro momento, até como audaciosa, pois estamos aqui problematizando a teoria de Authier-Revuz. Contudo, deixamos bem claro que, como estudiosos da AD, nossa pretensão foi apenas levantar uma reflexão sobre o fato de que a heterogeneidade enunciativa não contempla a heterogeneidade discursiva, como faz parecer muitos estudiosos. Sendo assim, assumimos nossa preferência pela noção de diferente à de heterogeneidade, considerando os estudos discursivos.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Cadernos de estudos linguísticos, 19. Campinas, IEL. 1990.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Palavras incertas: as não-coincidências do dizer. Campinas: Unicamp, 1998.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 10. ed. brasileira. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal.

Tradução de Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

INDURSKY, Freda. A fragmentação do sujeito em análise do discurso. In: INDURSKY, Freda. Discurso, memória, identidade. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. (Col. Ensaios, 15).

INDURSKY, Freda. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Araraquara: Letraria, 2020.

KADER, Cárta Callegaro Côrrea. A Heterogeneidade Enunciativa: um entrelugar. In: Seminário ANPED Sul — Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 9., 2012. Anais do IX Seminário ANPED Sul. RS: Universidade Caxias do Sul, 2012.

LACAN, Jacques. Nomes-do-Pai. São Paulo: Zahar, 2005.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. Organon. Porto Alegre, Revista do Instituto Letras/UFRGS, v. 24, n. 48, p. 63-68, 2010.

OLIVEIRA, Sérgio de Freitas. A escrita, a leitura e a reescrita como expressão de uma posição autoral: um estudo de caso. 2020. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG, 2020. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SergioDeFreitasOliveira_8417.pdf.

ORLANDI, Eni. Heterogeneidade teoricamente sustentada. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Palavras incertas – As não-coincidências do dizer. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

ORLANDI, Eni. Não ao outro, mas o diferente. In: ORLANDI, Eni. Terra à vista – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso: uma

crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.

Submissão: julho de 2021

Aceite: novembro de 2021.